

+mmuseu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 22 - novembro 2020 a maio 2021

Editorial

As recentes escavações arqueológicas que decorreram no adro da antiga Igreja de Santa Maria, no Castelo de Palmela, puseram a descoberto informação aparentemente inédita sobre a população de Palmela. De uma antiga necrópole, foram levantados 60 esqueletos e 12 ossários, correspondentes a pessoas de várias idades. Entretanto, na Igreja de S. Pedro, em Palmela, no decorrer de obras de recuperação da fachada e cobertura, foram descobertas duas janelas quinhentistas - uma com os vãos em lioz branco e outra em brecha da Arrábida.

Estas duas descobertas são, numa metáfora de nós, camadas do que existe para lá do olhar. Com os projetos e estudos que promove, o Museu Municipal de Palmela contribui para alimentar um conhecimento cada vez mais lato do património local, pondo a descoberto estas camadas e traduzindo-as, para que fiquem acessíveis aos diferentes públicos. Apraz-nos saber que é um caminho sem término, um horizonte que se alarga à medida que nos esforçamos por ver mais longe.

Para que possamos prosseguir este caminho, é fundamental, para além de um forte investimento político, estreitar, permanentemente, laços com a comunidade.

A comunidade educativa é, como não poderia deixar de ser, público privilegiado dos museus. Para alunas/os e professoras/es, trabalhamos todos os dias com o objetivo de devolver parte do conhecimento adquirido. É necessário envolver estes públicos, quer do ponto de vista do gosto e entendimento pelo património coletivo, quer com o objetivo de que venham, um dia, a tomar o nosso lugar. Ambas as perspetivas constituem estratégias de salvaguarda do Património.

Os recursos educativos contribuem, de modo decisivo, para esta proximidade e disponibilidade do Museu perante a comunidade educativa. Para permitir o acesso ao conhecimento, é prática regular a criação de materiais pedagógicos, em formato físico e digital, que destacamos neste número.

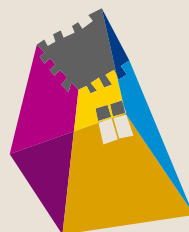
A construção do Programa Pedagógico 2020/21 – que é parte integrante deste Boletim e que passou a incorporar as atividades e projetos dinamizados pela Biblioteca, assim como aqueles que são resultado de um trabalho articulado entre o Museu e a Biblioteca – teve como pressuposto a existência de dois cenários, que não opção a e b, mas, antes, realidades que coabitam e com as quais estamos, ainda, a aprender a conviver. Mantivemos a oferta de atividades presenciais, dentro ou fora da escola, e acrescentámos as atividades promovidas no meio digital, continuando disponíveis, como sempre estivemos, para, em diálogo com cada escola, docente ou educador/a, dar a resposta necessária a cada projeto ou necessidade pedagógica.

Votos de um bom ano letivo!

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



Serviço Educativo
do Museu e Biblioteca
Município de Palmela

Programa Pedagógico
2020/2021

Em investigação

Trabalhos Arqueológicos no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo de Palmela

A intervenção arqueológica decorrente das obras para criação de percursos de mobilidade acessível no Castelo de Palmela – cofinanciadas pelo programa POR Lisboa 2020, e integrada no programa CAFA - Castelos e Fortalezas da Arrábida - trouxe novos contributos para o conhecimento da história da Igreja de Santa Maria e da fortificação. Prevista neste projecto está a construção de uma escada rampeada que irá criar um renovado acesso à antiga Igreja, o que obrigou à realização de trabalhos de escavação arqueológica na zona do adro, como medida de salvaguarda dos vestígios patrimoniais identificados.

Este local era utilizado como cemitério da população de Palmela, realidade nada estranha pois, até à primeira metade do século XIX, a população era enterrada dentro das igrejas e no respectivo adro (a instauração dos cemitérios públicos é decretada em 1835). O espaço interior, sagrado, era o mais cobiçado e normalmente apenas acessível a quem tivesse mais posses, sendo o adro o último destino da população humilde. A Igreja de Santa Maria, primeira matriz de Palmela, depois do violento terramoto de 1755, fica bastante arruinada, deixando de servir ao culto. As Visitações da Ordem de Santiago de 1510, orientadas pelo último Mestre da Ordem de Santiago, D. Jorge, referem a prática de enterramentos neste espaço.



Aspecto da intervenção

Os trabalhos arqueológicos, que agora apresentamos, decorreram entre o final do mês de julho e setembro, com o intuito de registar toda a informação que pudesse ficar afectada com a presente obra, confirmando-se de imediato a utilização do espaço como necrópole. Foram exumados um total de 60 enterramentos tratando-se, maioritariamente, de população cristã residente na antiga vila. Os resultados preliminares revelaram a presença de indivíduos de todas as idades, tendo sido recuperados 29 indivíduos não adultos e 31 indivíduos adultos de ambos os sexos (17 homens, 10 mulheres e 4 a que não foi possível atribuir um sexo).

Verifica-se que a mortalidade era comum nos primeiros anos de vida, com 52% dos não adultos a morrerem antes dos 3 anos. De destacar um indivíduo do sexo masculino que possuía, junto à cintura, um conjunto de contas de rosário em osso, decoradas, sendo presumível poder tratar-se de um religioso.

A maioria das inumações respeitam os rituais associados às práticas cristãs, ou seja, a deposição é feita em decúbito dorsal, de costas para o chão, com os pés orientados para nascente, dentro de caixão ou mortalha. Os objectos de uso pessoal associados aos mortos são muito raros, normalmente rosários ou terços, algum botão da veste, um crucifixo ao pescoço, um par de brincos e anéis de diferentes materiais. Por vezes, uma moeda na mão para pagamento ao barqueiro que levará a alma para o outro mundo... No entanto, a maioria das inumações não tinha qualquer artefacto associado, próprio do despojo então praticado e da condição social daqueles que habitualmente eram enterrados no adro.

Os dados, ainda preliminares, a carecer confirmação e análise mais cuidada, sobretudo os enterramentos mais antigos, parecem apontar para que o cemitério de Santa Maria tenha funcionado logo após a construção do templo, provavelmente ao longo do século XIII e perdurado até ao século XVIII (para aqueles mais próximos da superfície, certamente quando a igreja foi forçada a deixar de desempenhar as suas funções, por consequência do terramoto e/ou incapacidade do espaço funerário).

Apesar de estar bem evidente uma organização do espaço, a intensa utilização sepulcral, comprovada pela sucessiva sobreposição de enterramentos sem sepultura estruturada, apenas com covacho aberto na terra, obrigava a uma exigente gestão funerária. Sempre que era necessário depositar mais um corpo, os ossos mais antigos eram deslocados para o lado, arrumados de modo a libertar espaço, criando frequentes ossários, tendo sido recuperados 12, alguns de dimensões consideráveis que nos forneceram maior informação sobre a frequência de utilização do cemitério durante a Época Moderna (enterramentos balizados entre os séculos XV e XVII).



Escavação de um enterramento não adulto

Para além destas informações de cariz arqueológico respeitantes ao ritual e ao espólio associado, a antropologia física também tem aqui um papel fundamental ao nível da caracterização da população. A par dos arqueólogos do Museu Municipal nos trabalhos de campo, a equipa contou com uma antropóloga, possibilitando a identificação dos sexos, a idade aproximada aquando da morte, a identificação de patologias, ou seja, todo um conjunto de informação passível de se obter antes do levantamento das ossadas. Atendendo ao bom estado de conservação em que se encontrava a maioria dos enterramentos exumados, é certo que o posterior trabalho laboratorial feito pela antropologia permitirá obter ainda mais informação, nomeadamente ao nível da estatura, alimentação, doenças, deformações causadas pelo trabalho, que conjugados com a análise e a sistematização dos dados arqueológicos, possibilitará uma caracterização aproximada da antiga população de Palmela.

Neste momento, é possível adiantar a presença de patologia traumática, principalmente em indivíduos do sexo masculino, o que pode estar relacionado com as actividades profissionais ou uma maior violência interpessoal; patologia degenerativa como a osteoartrose, que é normal com o avançar da idade, e ainda uma parca saúde oral com a presença de cáries dentárias, abscessos e tártaro em vários indivíduos.

Escavados os níveis do cemitério Medieval e Moderno, as surpresas continuaram a surgir. Na área da Igreja de Santa Maria, e prosseguindo para a vertente poente do castelo (próximo do antigo convento), a cotas inferiores à Igreja de Santiago, foi registado um silo, possivelmente coevo dos contextos habitacionais islâmicos existentes. Identificaram-se níveis de ocupação mais antigos, datados da conquista cristã e da permanência muçulmana, compostos por várias estruturas habitacionais (paredes e pavimentos), provavelmente de uma área residencial muçulmana, com aparente aproveitamento após a definitiva conquista cristã. Estas novas evidências vêm trazer preciosos contributos para a compreensão da organização espacial e evolução histórica do castelo, lançando novas perguntas e novas perspectivas de investigação.

Para finalizar, relembramos a curiosidade e o entusiasmo que esta actividade de 'desenterrar o passado', normalmente, desperta na generalidade da população, bem patente no sentimento demonstrado pelos visitantes que, diariamente, passaram pelo castelo durante o período em que decorreu a escavação. É gratificante para nós, arqueólogos, partilhar *in loco* evidências recém-descobertas e de sentirmos, no imediato, a importância deste trabalho, que só faz sentido se for vivido e compreendido pela comunidade.

Miguel Correia
Michelle Teixeira Santos
(Arqueólogos, Museu Municipal de Palmela)

Cláudia Relvado
(Antropóloga, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde)

Os autores não seguem as normas do novo Acordo Ortográfico.



Aspeto de enterramento.
Pormenor dos indivíduos adultos.

Em destaque

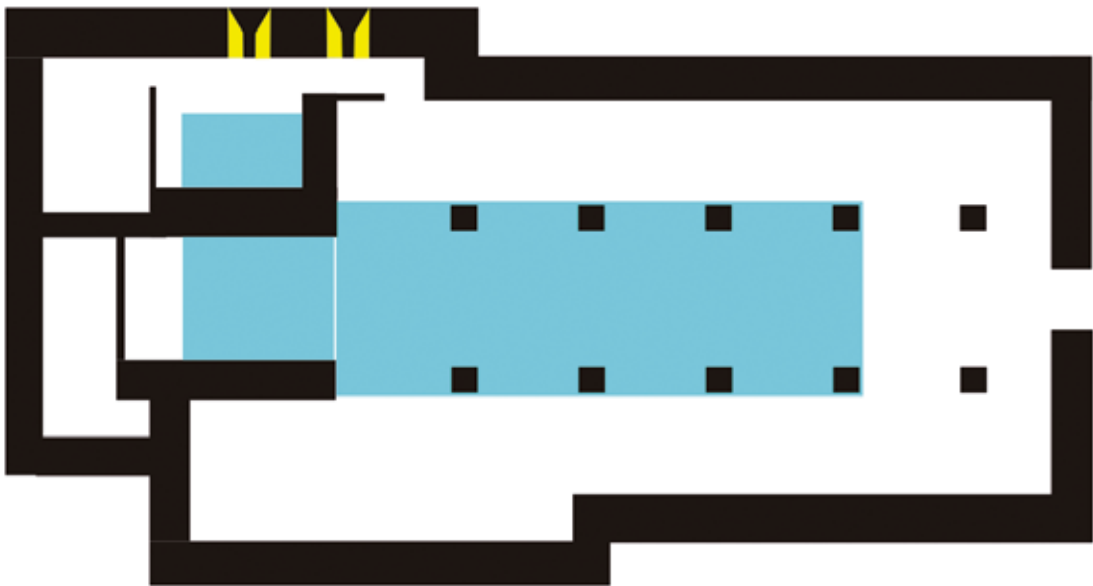
Duas 'estranhas' janelas descobertas na Igreja de São Pedro, Palmela

Obras de restauro na Igreja de São Pedro de Palmela, da iniciativa da Paróquia de Palmela, puseram a descoberto duas janelas localizadas na parede lateral sudeste, pertencente à sacristia que, até então, permaneciam no desconhecimento geral.

Esta descoberta desencadeou um conjunto de questões, que trouxeram novos contributos para a compreensão da história de um dos principais monumentos da Vila de Palmela.

Cedo constatámos o estilo arquitetónico anterior ao que perdura na composição volumétrica do edifício. Sabendo que se trata de um templo com origens que remontam provavelmente à 1.ª metade do século XIV, atualmente já não persistem quaisquer elementos arquitetónicos dessa fase. O atual edifício resulta das grandes obras de ampliação decorridas sob orientação do arquiteto António Rodrigues¹, decorridas aproximadamente em 1560.

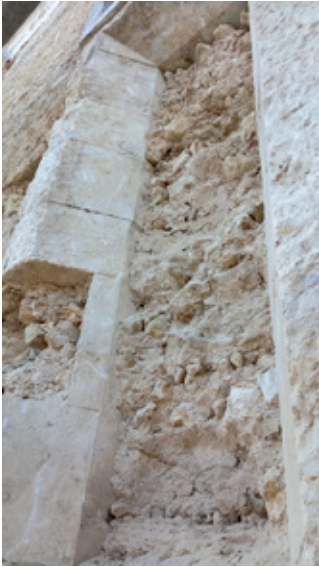
Curiosamente, ambas as janelas apresentam o mesmo aspeto e dimensões, embora uma seja talhada em brecha da Arrábida e a outra em lioz branco. Ambas são de traça renascentista com moldura retangular e chanfro interno prolongado, respeitando uma linguagem cronologicamente anterior e divergente daquela compreendida pela campanha de António Rodrigues.



Planta da Igreja de São Pedro de Palmela (preto), áreas dos volumes da igreja segundo as Visitações de 1510 (azul), localização das janelas recém-descobertas (amarelo)

Seria necessário perceber se a empena onde as mesmas se integram já existia antes das grandes obras de finais do séc. XVI. Para tal socorremo-nos das descrições registadas nas visitas feitas pelo Mestre D. Jorge, em 1510². Ao sobrepor as plantas da atual construção com o dos volumes descritos em inícios de quinhentos, apercebemo-nos que o anterior edifício tinha uma configuração mais modesta, composto por 3 volumes: sacristia, capela-mor e uma única nave, mais estreita do que a atual. Mesmo assim, ainda é possível reconhecer algumas harmonias entre plantas, nomeadamente o facto de a nave da antiga Igreja encaixar com os espaçamentos definidos pela métrica das colunas da atual nave central, cuja anterior fachada ficava em linha com o segundo lanço de colunas; de a largura da capela-mor coincidir com o da atual e de a linha de fundo da antiga capela-mor e sacristia coincidirem com a parede de fundo da atual capela do Santíssimo, na ala esquerda do templo.

Esta sobreposição de plantas permitiu confirmar que a parede da sacristia, onde as janelas foram descobertas, foi erigida na segunda metade do séc. XVI. Podemos, assim, supor que os vãos terão sido reaproveitados de uma outra construção mais antiga (e não da anterior Igreja de São Pedro, porque nunca foram descritos em nenhuma das visitas da Ordem de Santiago) e aqui integrados aquando das grandes obras de António Rodrigues.



Aspetto de uma das janelas após a descoberta

No entanto, algures no séc. XVII/XVIII, talvez com as obras posteriores ao incêndio de 1713, as janelas foram emparedadas - permanecendo ocultas até aos nossos dias - e abertas duas novas a uma cota superior, uma delas sobre a precedente, a outra desviada para o canto superior esquerdo do alçado, permitindo uma entrada de luz natural mais direta para o interior da nave.

Agora redescobertas, poderíamos ficar limitados às imagens e informação recolhidas, mas graças à sensibilidade da Paróquia de Palmela houve o cuidado em deixá-las expostas, permitindo a sua apreciação e, simultaneamente, a valorização do edifício³.

Miguel Correia
(Arqueólogo, Museu Municipal de Palmela)



Aspetto geral do conjunto após os trabalhos de restauro

¹ Arquiteto também responsável pelas linhas da Igreja de Santa Maria, em Setúbal.

² RAMOS, Maria Regina Soares Bronze, 'As igrejas de Palmela na Visitações do séc. XVI, rituais e manifestações de culto', Coleção Ordens Militares – 4, Câmara Municipal de Palmela / Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, 2011, pp. 74-84

³ Merece aqui referência o mérito da decisão do então pároco de Palmela José Miguel Gonçalves Barata Joaquim.

EU CONQUISTO O MEU SUCESSO

Plano Inovador de Combate ao Insucesso Escolar de Palmela

Projeto “VIAJAR NO PATRIMÓNIO”

«EU CONQUISTO O MEU SUCESSO – Plano Inovador de Combate ao Insucesso Escolar de Palmela é um projeto municipal enquadrado no Programa Operacional Lisboa 2020 (PORLisboa2020). Tem como objetivo a promoção do sucesso educativo através da implementação de um conjunto de ações transversais e temáticas, para o favorecimento do aumento do sucesso escolar.

Elaborado e desenvolvido com os Agrupamentos de Escolas e Escolas Secundárias do Concelho de Palmela, traduz o compromisso do Projeto Educativo Local assente na Educação de Qualidade (ODS4) e nos princípios do Movimento das Cidades Educadoras, nomeadamente na «Redução e prevenção do abandono precoce e estabelecimento de condições de igualdade de acesso à educação infantil primária e do secundário, incluindo percursos de aprendizagens formais, não formais e informais, para a reintegração no ensino e formação»¹.

Ao longo do processo educativo e formativo dos alunos, a comunidade educativa foi envolvida através de uma abordagem colaborativa que procurou potenciar os conhecimentos, as capacidades e as atitudes, em termos de competências globais. Alunos, pessoal docente e não docente, família e comunidade foram os pilares que sustentaram este plano.

A estratégia de ação subdividiu-se em várias áreas, uma das quais o Património Cultural através de ações promovidas e dinamizadas pelo Museu.

O Museu Municipal de Palmela perspetiva a Educação através dos quatro pilares de aprendizagem definidos para o século XXI - aprender a SER, a CONHECER, a FAZER e a CONVIVER - e aposta na compreensão dos conceitos de História, Património e Museu, e no conhecimento e identificação da História e do Património Individual. Nessa perspetiva, nasceu o projeto «Viajar no património» centrado na história de cada pessoa: Quem sou eu? Porque me chamo assim? O que é património? O que são memórias?

A decorrer desde o ano letivo 2017/2018, tem estado assente numa relação de parceria entre as professoras e os alunos do curso de Turismo Ambiental e Rural – Comércio (TAR-C) da Escola Secundária de Palmela, o Serviço Educativo do Museu Municipal, a equipa de apoio aos projetos socioeducativos e outros serviços do Município, maioritariamente das áreas de educação, cultura, turismo e logística.

Num primeiro momento, em 2017, definiram-se os principais objetivos:

- Possibilidade de trabalhar em parceria com as professoras da turma;
- Desenvolver atividades com o envolvimento da comunidade escolar;
- Criar nos alunos o gosto pela descoberta e pelo saber;
- Educar pela arte, criando hábitos culturais e incentivar o gosto pela arte nas suas variadas vertentes, reforçando a parceria com o Museu Municipal;
- Desenvolver conceitos de cidadania, assente na construção de um espírito de partilha e de aceitação do Outro;
- Preservar a cultura e o gosto pela História de Portugal;
- Motivar os alunos a gostar de aprender, sobretudo pela descoberta, contrariando o abandono escolar.

A «Viajar no Património», este grupo de jovens foi ao encontro da sua própria identidade, colocando-se no centro da sua história e património. Este processo de descoberta teve como ponto de partida a valorização e compreensão da identidade e do património individual de cada aluno, promovendo a sua autoestima, o seu crescimento pessoal e a agregação de valor na construção da memória coletiva. Sair do portão da escola, percorrer as ruas do património local, atravessar fronteiras e falar de nós serviu para abraçar um leque variado de aprendizagens e de competências socioemocionais. Os laços que tecemos fazem parte de uma rede de complexidades pautada pela descoberta, pelo saborear das experiências assentes na construção de memórias.

¹ Carta das Cidades Educadoras: <https://www.edcities.org/pt/carta-das-cidades-educadoras/>

O primeiro Congresso decorreu em 1990, com o objetivo de qualificar a vida dos habitantes dos centros urbanos. A Carta foi revista no III Congresso Internacional (Bolonha, 1994) e no de Génova (2004), adaptando-a a desafios emergentes.



No âmbito deste projeto, realizámos:

. Visita de estudo a Sevilha:

Catedral de Sevilha, Bairro Judaico e Jardins de Alcazar. Foi intenção contribuir para o enriquecimento cultural dos alunos; permitir o contacto com outra língua que não a materna; proporcionar momentos de convívio; fortalecer a coesão do grupo.

• Visita de estudo ao Porto: ao Museu e ao estádio do Futebol Clube do Porto, à Fundação Serralves e ao Centro Histórico. Pretende-se, nesta visita, continuar o trabalho que se vinha a desenvolver no âmbito da Educação pela Arte, promovendo novas formas de aprendizagem e de descoberta do saber, contrariando o abandono e o insucesso escolar.

• Visitas de estudo ao Património local:

- Centro Histórico de Palmela
- Museu do Ovelheiro
- Espaço Fortuna
- Museu da Música Mecânica

Enquadradas nos objetivos de valorização da história local e no seu contributo para a história do país.

• Oficina «Eu sou história e Património»:

As quatro sessões, em contexto de sala de aula, visaram sublinhar, a cada um dos alunos, a importância da sua história. Contribuíram igualmente para valorar e compreender as

diferenças e semelhanças de cada elemento da turma e reconhecer o valor da escrita da própria história.

• Fórum Turismo de Palmela «As Ordens religiosas na valorização dos destinos turísticos»:

Ao participarem neste Fórum, os alunos conheceram a importância do património local no desenvolvimento das comunidades e a importância e a dinâmica dos vários projetos de turismo local.

• Clube de poesia – ação de capacitação para alunos, ministrada por Cristina Paiva da Associação Andante, em contexto de sala de aula:

Visou estimular a oralidade, a leitura e a escrita, despertar e motivar para a leitura, para ouvir e interpretar poesia e, sobretudo, para exercitar a imaginação e a criatividade.

• Produção/criação de um Caderno/Roteiro de Memórias das visitas realizadas:

2020, o ano desejado para celebrar este percurso, foi fortemente marcado pela Pandemia COVID 19 e a maioria das atividades previstas para o 3.º período letivo não se realizaram.

Não se realizaram as comemorações do 25 de abril, nem a exposição sobre as Casas Clandestinas em Palmela, durante o Estado Novo. Não homenageámos os presos políticos, nem aqueles que viveram a dura vida da clandestinidade. Não realizámos uma conferência de balanço sobre todo o trabalho efetuado com a turma, da parceria com o Serviço Educativo do Museu, nem ouvimos as vozes dos alunos depois deste caminho que fomos percorrendo em conjunto.

Na impossibilidade de concretização, escolhemos continuar a escrever com vontade de perpetuar memórias. Aquele que seria o diário de bordo para registar este percurso, tornou-se, afinal, o marco de encerramento de todo este ciclo.



A história oral como forma de resgate da memória é o que irá pautar o último trimestre de 2020, através da ação de capacitação «Memória Local na Escola», para docentes e não docentes, em formato digital, com o intuito de abordar o património imaterial. Tem como principais objetivos:

- Contribuir para o desenvolvimento de projetos de memória local com foco no registo de histórias de vida.
- Capacitar professores para que possam realizar projetos de memória oral com a história da comunidade, contada pelas pessoas desse território.
- Facilitar processos de recolha de memórias e permitir às pessoas pensarem e escreverem a sua própria história.

A viagem, essa, acreditamos que continuará.

O caderno de memórias produzido é o resultado mais visível de todo este percurso. Representa cada pessoa que fez parte deste projeto. É o reflexo do contributo que cada aluno deu enquanto protagonista desta viagem. Este grupo de jovens que concluiu, no ano letivo 2019/20, uma importante etapa da sua vida, fez um percurso bonito com experiências únicas. Este ciclo terminou num momento difícil, a nível mundial, com o país em estado de emergência devido à pandemia COVID 19. Importa, por isso, registar para nos lembrarmos desta situação como oportunidade de darmos um sentido emergente à vida, tendo força e coragem para nos reinventarmos sempre.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry

Ana Gualberto, professora de Português
Arcângela Catela, professora de História
Escola Secundária de Palmela

Sandra Abreu Silva, Animadora Sociocultural
Museu Municipal de Palmela



Património local

A chegada de José Bárcia à Quinta do Anjo

Na década de 70 do séc. XIX, chega à Quinta do Anjo uma professora, *mestra das primeiras letras* vinda de Lisboa. Chama-se Amélia da Conceição Várgea¹. Por cá ficou e, como é natural, fez amigos entre as famílias da aldeia.

Por vezes, Amélia recebia visitas dos familiares que vinham de Lisboa passar uma temporada ao campo, principalmente nos meses de verão, quando o calor da cidade se tornava insuportável.

O silêncio, o ar puro, os chocalhos da ovelhas, ao longe, e o ladrar ocasional dos cães, deixaram uma profunda marca no jovem José Artur Leitão Bárcia, sobrinho de Amélia, e diz quem o conheceu que, quando chegava à aldeia, depois de já ser homem maduro, era como se regressasse a casa. O pai da Amélia, já viúvo, acabou por ficar a morar com a filha e é na Quinta do Anjo que viria a falecer. Entretanto, Amélia muda-se para Palmela, casa, mas pouco tempo depois fica viúva. Muda-se para Setúbal, casa, novamente, mas manterá sempre uma ligação muito próxima ao sobrinho José, apesar da família ser grande e muito unida.

Em Lisboa, José Bárcia frequenta o Real Conservatório de Lisboa e já vai fazendo parte do coro do teatro S. Carlos. Mas passa o tempo livre enfiado nas oficinas da vizinhança. Gosta de desenhar, pintar, trabalhar em madeira, de consertar coisas, mas é a fotografia que o fascina. Aquela técnica de captar imagens, antes só acessível ao bolso de alguns, agora vai-se tornando moda e Bárcia não quer só aparecer na fotografia, quer aprender como se faz. Convence os pais a deixá-lo ir trabalhar para o ateliê fotográfico do bairro onde vivem. É um rapaz esperto, aprende facilmente. Baixo em estatura, hábil com as mãos, copia as modas e os gestos dos cavalheiros que passam na rua. É um apaixonado por tudo o que o rodeia.



José Bárcia na Quinta do Anjo

O mestre ensina-lhe como se aplica a camada de gelatino-brometo sobre o retângulo de vidro que, depois de ser exposto à luz dentro da máquina fotográfica, será o negativo da imagem. É preciso manipular tudo com mil cuidados para não partir o vidro, para não sujar a lente da câmara, para não

expôr o negativo à luz antes de ser revelado. Passa horas fechado no laboratório. Ali é preciso aprender a usar os químicos para os banhos do papel: o revelador, o banho de paragem e o fixador. – *Et voilà*, eis a fotografia que surge finalmente no papel. Há ainda o aspeto artístico do processo. Como iluminar o objeto a fotografia, como posicionar o modelo, como convencer as pessoas a deixarem-se fotografar, e depois a retocagem, mas aqui são precisas as mãos de artista e o olho experiente. Artista já ele é e a experiência chegará com o tempo.

Mas por agora tem de se dedicar

à escola. Termina os estudos como desenhador e encontra um emprego num gabinete de engenharia. Passa os dias debruçado sobre o estirador, desenhando, corrigindo, tirando medidas, corrigindo novamente. Só lhe sobra os domingos para fotografar, mas, em 1895, consegue finalmente vender os seus primeiros clichés à Câmara Municipal de Lisboa.

Num desses dias, conhece o senhor Visconde Júlio de Castilho. Já nessa altura era um historiador, escritor e professor respeitado. Precisa de alguém que ilustre um dos seus livros e Bárcia é a pessoa certa. Também faço fotografia, ter-lhe-á dito o rapaz. Excelente! Respondeu o seu novo mestre.

E assim, depois das horas passadas no gabinete, ainda corre ao encontro de Júlio de Castilho para tirar algumas chapas.

¹ O nome de família é Bárcia, mas no registo ficou Várgea, talvez por um mal-entendido do escrivão.

² O nome Leitão surge em homenagem ao apelido do padrinho de José Bárcia.

Aos 22 anos casa com a Isaura Rosa Xavier, filha única, bonita, burguesa, figura delicada. O pai de Isaura é um industrial, tem algum dinheiro e apesar de preferir ver a filha casada com alguém de boas famílias, aceita a escolha da sua menina. A família do noivo é modesta mas unida e trabalhadora.

Os dias passam-se numa corrida, de trabalho em trabalho, mas quando Isaura engravida o tempo suspende-se. Algo corre mal e o bebé não sobrevive.

1908 é um ano particularmente infeliz para o seu amigo Júlio de Castilho. É o ano do regicídio, a 1 de fevereiro. Tendo sido professor dos infantes, Júlio sente-se sem forças para enfrentar mais uma fase agitada na cidade. Tudo é extremo. “Espero-o na Quinta do Anjo, meu bom amigo”, escreve-lhe Bάρcia.



A tia Amélia Várgea no pátio da casa do Missas, no sítio do jogo, Bachelos. Quinta do Anjo

São jovens têm muito tempo para tentar outra vez.

Em 1906, durante uns dias em Setúbal, na casa da tia Amélia, Bάρcia leva consigo a sua câmara fotográfica. Passeiam pela serra da Arrábida montados em burros, sobem ao convento de S. Paulo e visitam as ruínas do castelo de Palmela.

E aquela aldeia de Quinta do Anjo, onde a tia trabalhou? Como estará? Deve ter perguntado Bάρcia. Há muito tempo que Amélia vive na Anunciada em Setúbal e perdeu o contacto com as pessoas da aldeia. Mas um dia, por acaso, cruza-se com uma mulher da aldeia que vai a Setúbal vender hortaliças, e pergunta-lhe como está a família do João Guilherme Cardoso, que está bem, que sim, que se recordam todos da professora Amélia que tem de ir lá fazer uma visita.

Assim, depois de tudo combinado, no verão de 1908, voltam à Quinta do Anjo. Desta vez irá a Amélia com a sua protegida, José Bάρcia, Isaura, duas criadas e dois cães. Por algumas semanas instalam-se nas casas de José Guilherme no Cabeça das Vacas, na Serra do Louro. Bάρcia leva a sua máquina fotográfica e fotografa cada criança, cada velho, cada mulher nos seus afazeres diários.

E, de facto, Júlio de Castilho visita a Quinta do Anjo. Instala-se na casa do Missas, junto ao pátio do jogo nos Bachelos, fala com os camponeses da aldeia, visita o castelo de Palmela, tudo testemunhado pela câmara de Bάρcia, que acompanha-o divertido por ver o seu velho amigo questionar cada camponês que passa. Anos mais tarde, por ocasião da sua morte, a revista *Ilustração Portuguesa* do jornal *o Século* vai usar essas fotografias para ilustrar um artigo sobre a vida de Júlio de Castilho e os dias em que visitou a Quinta do Anjo.

Nos anos seguintes, Bάρcia volta à Quinta do Anjo. Por vezes vem sozinho, outras vezes traz amigos.

Acompanha o dia a dia da aldeia mas também os dias de festa, os bailes na quinta da Fonte do Anjo, a inauguração da nova igreja e o círio da festa de Nossa Senhora da Atalaia.

Entretanto, Isaura adoece e o casal ausenta-se por duas décadas.

Um dia, sem aviso, Bάρcia reaparece na aldeia à procura de casa para ficar por uma semanas tal como antes, mas desta vez vem acompanhado pela nova esposa, Rosa Maria, pela enteada e duas criadas.

Agora já é um senhor proprietário e vem para descansar, ficou com os negócios do sogro, já trabalha menos e quase não fotografa. Procura casa nos Bacelos e dizem-lhe à chegada que o Missas e o João Guilherme já faleceram, mas mais acima, mora a Margarida Cardoso, filha do João Guilherme. Claro que a Margarida se lembra do senhor Bárcia e sim podem ficar na sua casa. É modesta mas faz muito gosto em recebê-lo mais a sua senhora.

Bárcia tinha reencontrado a sua aldeia. Revê as caras antigas e faz amizades com as novas. Volta a tocar órgão durante as festas da igreja, sobe à serra, desenha as vistas, almoça com o senhor Venâncio da Costa Lima. Ali tem tempo para fazer o que gosta, esquece-se da idade que tem, esquece-se que é um senhor, organiza burricadas, responde com paciência às perguntas das crianças, mostra-lhes os seus retratos e ri-se do seu ar de espanto quando veem as fotografias estereoscópicas ou os filmes que projeta nas paredes caídas, à noite, depois da ceia. Muito diferente do senhor José Bárcia da cidade de Lisboa.



Revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 684, 31 de março de 1919.



Maria do Carmo Salvador, mulher de João Guilherme Cardoso, com um dos filhos na chaminé da casa do Cabeço das Vacas. Serra do Louro

Este é um texto parcialmente ficcionado, baseado na biografia e nas memórias das gentes de Quinta do Anjo, de um homem que poucos conhecem, mas cujas fotografias de Lisboa antiga surgem um pouco por todo o lado. Paralelamente à vida na capital, Bárcia teve também uma “vida” na aldeia de Quinta do Anjo, que seria ainda mais desconhecida se não fossem as várias coleções de fotografias que ofereceu aos seus amigos com quem conviveu na aldeia. O acervo de Quinta do Anjo conta com cerca de 90 fotografias, mas outros locais foram também fotografados entre 1906 e 1911 – Palmela, S. Gonçalo, Azeitão, Setúbal, Atalaia, Barreiro e Cacilhas. O acervo de Lisboa pode ser encontrado em

<https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt>

Bárcia não deixou descendência, mas deixou as suas fotografias e muitas memórias nas meninas Adília do Carmo Cardoso e Maria da Graça Cardoso, filhas da Margarida Cardoso que o acolhia em casa e que se tornaram na sua segunda família. As meninas são agora duas avozinhas que eu tive o prazer de entrevistar em 2019.

Cecília Matos
(Habitante de Quinta do Anjo que, há vários anos, colabora com o Museu Municipal em variados projetos de investigação em história local.)

Exposição Temporária «De Palmela ao Poceirão. Uma viagem arqueológica»

O Museu Municipal encontra-se a preparar uma exposição itinerante de arqueologia que, logo no primeiro ano, viajará por todas as freguesias do concelho.

Este é um trabalho de gabinete, silencioso e discreto, não visível ao público e que pressupõe muitos meses de preparação antes da sua inauguração: a começar pela selecção das peças que serão expostas, passando depois pela produção dos textos, a definição da imagem e da linguagem gráfica que estruturam a exposição, até chegarmos à fase de montagem e de abertura ao público.

O ano de 2020, marcado pela pandemia COVID-19, tem sido diferente. Surpreendeu-nos, obrigando a parar para melhor compreendermos a nova actualidade. Das inúmeras interrogações que nos acompanharam nos últimos meses, que nos levaram a reflectir e a redefinir as nossas prioridades e a nossa vida, entendemos que o Museu Municipal tem uma função primordial. Deve, nestas circunstâncias, através do nosso Património Cultural, assumir-se como impulsor de um retorno ao quotidiano que nos é familiar. Deve aproximar-nos enquanto comunidade, por meio de um diálogo acessível sobre o passado e o futuro, e deve contribuir, através da sua função social, para a formação dos cidadãos, para a igualdade e justiça social e para um amanhã sustentado.

Conhecer o passado local contribui para o sentido de pertença, para o intuir da responsabilidade de cada um na salvaguarda e valorização do património colectivo, para a construção de um futuro que conhece e respeita história e a memória e, por isso, mais dotado de espírito crítico e de maior consciência.

A Arqueologia, enquanto prática científica e disciplina social, produz conhecimento e conta-nos histórias sobre os modos de vida passados, nem sempre fáceis de compreender ou de transmitir. São informações complexas, codificadas numa linguagem pouco acessível que importa divulgar e partilhar. Ora a arqueologia identifica, regista, estuda e descodifica para uma linguagem mais clara, o conhecimento adquirido.

«De Palmela ao Poceirão. Uma viagem arqueológica» apresenta-se como um pretexto para abordar o território através dos vestígios materiais que nos foram deixados desde um tempo longínquo, o da pedra lascada, pelos primeiros homínidos e primitivas comunidades de caçadores-recolectores que ocuparam e exploraram esta região interestuarina Tejo-Sado, passando pelos romanos até aos nossos dias. O concelho de Palmela é profícuo em vestígios arqueológicos dispersos num território milenar, que nos ajudam a melhor compreender quem fomos e quem somos!



Biface.
Paleolítico Inferior



Insígnia da Ordem de Santiago,
datada do século XII/XIII.

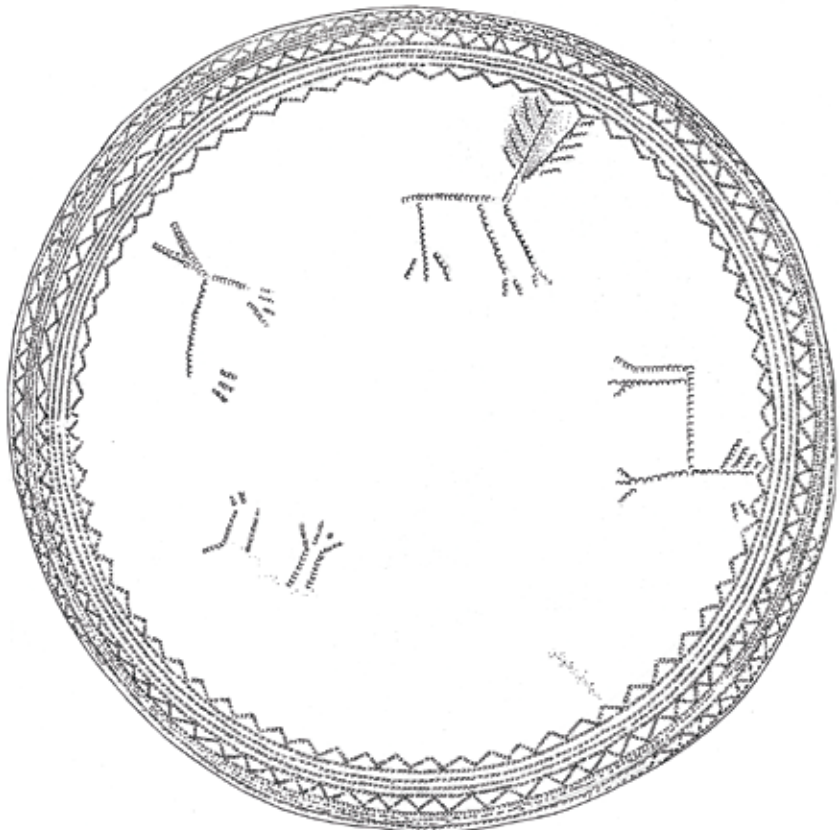
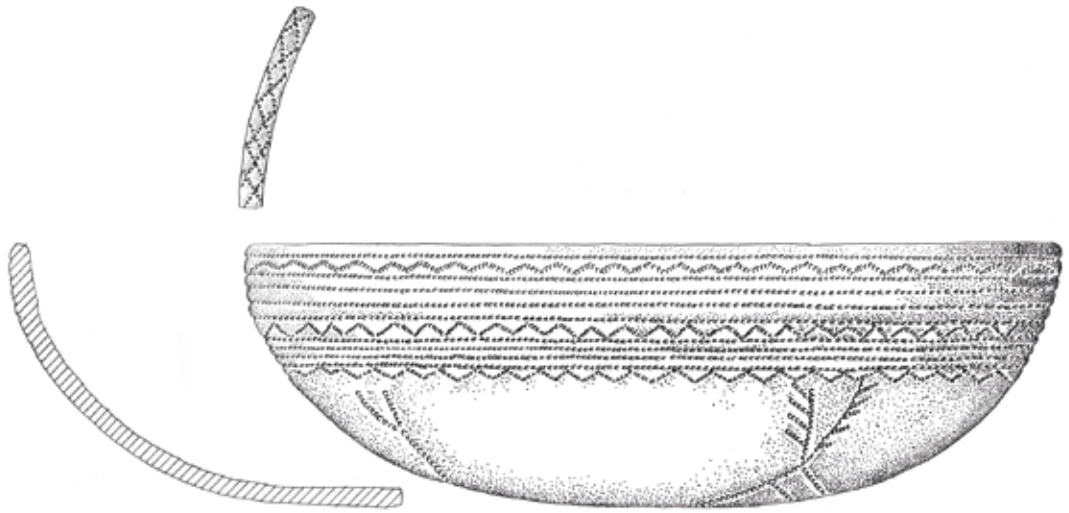


Âforas Romanas

O pensamento que estruturou esta exposição, a qual estará também disponível em formato digital como recurso pedagógico do Museu Municipal facilitando o acesso e exploração pela comunidade educativa e o público em geral, partiu de uma escolha: a selecção de cinco artefactos arqueológicos. Apenas cinco peças do acervo do Museu que se assumem como narradoras de uma história milenar que nos aproxima de um tempo e de modos de vida do passado, numa viagem de descoberta.

E temos tanto para contar! Acompanhe a nossa programação.

Michelle Teixeira Santos
(Arqueóloga, Museu Municipal de Palmela)



0 3cm
Casal do Pardo
MNA 984.670.59

Em agenda

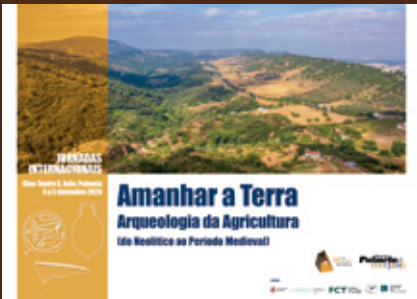


28 novembro e 12 dezembro | 16h
Espaço Fortuna - Artes e Ofícios, Quinta do Anjo
Do Paraíso ao paraíso: uma viagem no tempo pelos jardins na cultura ocidental

Por Carlos Assis Carrilho, especialista em arquitetura paisagística, jardins e Arte, Mediador cultural na Fundação Calouste Gulbenkian

Vamos falar de jardins, da sua relação com a natureza e civilização e na sua importância do ponto de vista histórico.

Duração aproximada: 2 horas
Entrada gratuita, mediante inscrição prévia
Inscrições: bibliotecas@cm-palmela.pt ou 21 233 6632
Org.: Câmara Municipal de Palmela



3 a 5 de dezembro | Cine-Teatro S. João, em Palmela
Jornadas Internacionais «Amanhar a Terra - Arqueologia da Agricultura (do Neolítico ao Período Medieval)»

O sustento do Homem está ligado à terra, à água e aos produtos que proporcionam. Essas produções e a sua gestão foram a base que definiu a organização das pessoas e dos territórios desde o Neolítico. O Homem não mais parou de procurar formas de a fazer produzir mais e melhor, criando instrumentos para a trabalhar, pesquisando e aperfeiçoando técnicas de cultivo e de uso da água, domesticando animais para sua serventia e acumulando saberes, que passou de geração em geração. As materialidades da agricultura, essencialmente, de proveniência arqueológica, mas também as suas dimensões económica, social e cultural, do Neolítico ao Período Medieval, são os principais propósitos destas Jornadas. Os trabalhos vão estar organizados em sete sessões temáticas: "Organizar e gerir o território agrícola", "A água que a terra precisa: captação, distribuição e gestão", "Cultivar, colher, conservar: materialidades e tecnologias", "Transformar e consumir os produtos da terra", "Domesticação das espécies vegetais e animais", "Espaços de vida e morte das comunidades campesinas" e "Representações e simbolismo".

Inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt ou 21233 6640
Org.: Câmara Municipal de Palmela
Apoio: CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora e da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



26 a 28 de março | 2021
Arrábida Walking Festival

O Arrábida Walking Festival será o primeiro evento inteiramente dedicado à descoberta do património do Parque Natural da Arrábida através das caminhadas. Esta 1ª edição do festival vai ser dedicada ao Património Arqueológico, sendo Palmela o ponto de partida para percorrer o Parque Natural da Arrábida, de lés-a-lés, e mais de 6 mil anos da sua história.

Consulte a programação: <https://biotrails.pt/pt/awf>
Org.: Biotrails e Municípios de Palmela, Sesimbra e Setúbal

Publicações

Os recursos pedagógicos do Museu Municipal de Palmela fazem parte da metodologia de trabalho do Serviço Educativo há mais de uma década e surgem como resultado visível dos processos de investigação. Difundir e facilitar o conhecimento sobre o Património Cultural do concelho é intenção maior dos conteúdos educativos produzidos. Destacamos, neste momento de aprendizagem coletiva, os que estão disponíveis em formato digital.

Arte2 - O Património Azulejar do concelho de Palmela: No concelho de Palmela é possível fazer um percurso pela história do azulejo em Portugal, já que aqui se encontram exemplares de azulejos hispano-mouriscos, revestimentos de tapete do século XVII, azulejos historiados do século XVIII, azulejos de fachada das habitações burguesas de início do século XX e intervenções da época contemporânea. Este guia educativo convida a uma viagem de 400 anos de histórias aos quadradinhos.

A vinha e o vinho em Palmela: Trabalhar no campo. Cuidar. Colher. Celebrar. Este caderno pedagógico, através de imagens sugestivas e de uma linguagem simples, ilustra um ano de trabalho, contemplando todas as fases do ciclo da uva ao vinho.

Eu Sou História e Património: Entender o conceito de História, Património e Museu; conhecer e identificar a História e o Património Individual e utilizar técnicas para investigar a sua História e Património são os objetivos principais deste recurso.

Os Caramelos: Vindos da Beira Litoral para trabalharem, principalmente, nas extensas vinhas de Rio Frio, os denominados Caramelos fixaram-se na região e alteraram a dinâmica demográfica do concelho de Palmela. Este recurso pedagógico facilita a compreensão do impacto deste movimento migratório na história do território.

Gaita de Foles: Esta maleta pedagógica é constituída por dois cadernos: o primeiro apresenta informação sobre Música, o Instrumento e as práticas performativas a que está associado; o segundo integra propostas de atividades que podem ser trabalhadas em variados contextos. Queremos provocar a experiência e estimular a participação de todos os que contactam com a maleta, seja por via da construção de instrumentos, da dança, do canto ou da percussão.

Gigantes, cabeçudos e outras coisas do arco-da-velha: Dar expressão à cultura popular e potenciar a criação de novos públicos e artistas é o que se pretende com a existência deste recurso pedagógico.

Pé ante pé... descobre o que a vila é!: Um guia ilustrado que convida a caminhar, lentamente, pelo centro histórico da vila de Palmela. Cada rua, cada janela, cada símbolo guarda mais do que revela... Este lugar é habitado por quem cá vive, mas também por todos aqueles que por aqui passam. Fica o convite para uma visita.



SUMÁRIO

- 1 | Editorial
- 2 | Em investigação...
Trabalhos Arqueológicos no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo de Palmela
- 3 | Em destaque...
Duas ‘estranhas’ janelas descobertas na Igreja de São Pedro, Palmela

Projeto «Viajar no Património»
- 4 | Património Local...
A chegada de José Bárcia à Quinta do Anjo

Exposição Temporária «De Palmela ao Poceirão.
Uma viagem arqueológica»
- 5 | Em agenda
- 6 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela - Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2954-001 PALMELA
Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | **Coordenação editorial:** Teresa Sampaio
Revisão: Rute Regula | **Colaboram neste número:** Ana Bichinho, Cecília Matos, Cláudia Relvado, Michelle Santos, Miguel Correia, Sandra Abreu Silva
Produção: Gabinete de Comunicação | **Design:** Filipa Reis e Moura
Impressão: Traços Hábeis | **Código de edição:** 388 (1500 exemplares)
ISBN: 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com o Programa Pedagógico do Serviço Educativo para o ano letivo 2020/2021.